

Egreja de Santa Cruz de Vianna do Castello

A EGREJA E CONVENTO DE SANTA CRUZ DE VIANNA

E O ARCEBISPO D. FR. BARTHOLOMEU DOS MARTYRES

Nos principios da segunda metade do seculo XVI achava-se a villa de Vianna do Minho, hoje cidade de Vianna do Castello, no seu mais florente estado de prosperidade e riqueza. Os descobrimentos e conquistas dos portuguezes n'aquelle seculo, e no anterior, despertaram a tal ponto a actividade e animo aventuroso dos viannenses, que, o que pouco antes era uma pequena e pobre villa quasi essencialmente de pescadores, via-se então transformada em um centro activissimo de navegação e commercio. O seu porto, afeito a dar abrigo apenas a barcos de pesca, e a pequenas embarcações costeiras, contava n'aquella epocha setenta navios de alto mar, que sulcavam constantemente o Oceano em demanda não só das nossas terras e conquistas da Africa, da Asia, do Brasil e das ilhas, mas tambem dos portos principaes da França, da Inglaterra, de Flandres e da Allemanha. D'est'arte se tornou a villa importante emporio dos generos e mercadorias de tantas e tão diversas regiões, crescendo em população e riqueza, e civilisando-se pelo trato com as nações estranhas.

De pouca duração foi este quadro lisongeiro. As trevas do captiveiro, em que nos lançou Filippe II de Castella, não tardaram em vir eclipsar o sol que brilhava radiante nos horisontes de Portugal, o sol da liberdade e do heroismo, que inflammava o peito dos portuguezes com o seu fogo sagrado, e que lhes doirava a gloria e as prosperidades com o immenso fulgor da sua luz.

Foi durante aquella epocha venturosa que o arce-

bispo de Braga, D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, fundou o convento de Santa Cruz de Vianna. E, segundo diz o elegante historiador da vida d'este sabio e venerando prelado, deu motivo a esta fundação o proprio engrandecimento da villa. O virtuoso arcebispo, receando que d'esse augmento da riqueza publica, e do trato de tantas gentes estranhas e de religiões diversas, nascessem a corrupção dos costumes e quebra nos preceitos divinos, resolveu oppor a tal inimigo a prégação evangelica. Para que esta fosse proficua á força de ser incessante, determinou que houvesse na villa um convento de religiosos dominicos, não sómente por amor da ordem que elle proprio professára, mas tambem, e principalmente, porque a regra de S. Domingos impunha a seus filhos, com especialidade, a obrigação de prégarem.

Correndo, pois, o mez de novembro de 1560, deu parte o arcebispo do seu intento á camara de Vianna, querendo que este negocio, como todos quantos tratou, tivesse por base a concordia. Depois de se certificar da boa vontade da camara e de toda a povoação, bem como da annuencia da ordem dominicana, solicitou o consentimento da rainha D. Catharina, que então governava o reino na menoridade de seu neto, el-rei D. Sebastião, obtido o qual impetrou do papa as bullas necessarias para a fundação.

Tudo isto produziu grandes delongas, de modo que a obra só teve começo em abril de 1563. É verdade que dois annos antes se deu principio ao convento na rua da Rosa, mas logo depois pararam os trabalhos, e se abandonou o logar, escolhendo-se outro na rua de Altamira, onde se levou a effeito a edificação.

Em quanto cresciam as obras do convento, assistia D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, na cidade de Trento, ao concilio geral que ahi teve principio no anno de 1562, no qual tanto brilhou a eloquencia d'este prelado, como resplandeceram as suas virtudes e saber. Voltou a Portugal, e reassumiu o governo da diocese bracharense em principios do anno de 1564, e em janeiro de 1566 partiu para Vianna, indo aposentar-se no seu convento, que já se achava habitado, embora ainda não concluido de todo. Como a esse tempo não estivesse começada a egreja, resolveu-se o arcebispo a mandar abrir-lhe os alicerces, e lançar n'elles, por suas proprias mãos, a pedra fundamental.

Celebrou-se esta ceremonia com grande apparato e solemnidade aos 22 de janeiro do referido anno, dia do martyr S. Vicente. Saíu o veneravel prelado da egreja matriz em procissão, com toda a clerezia da villa, camara, auctoridades, e immensa multidão de povo, levando quatro religiosos de S. Domingos um andor muito adornado, em que ia a pedra fundamental. Acompanhavam a procissão musicas e danças, ao uso da epocha. Chegados ao convento novo, disse missa de pontifical o arcebispo, prégou com a sua costumada uncção, e depois de proceder á benção da pedra e ás mais ceremonias do ritual, lançou-a nos alicerces da capella-mór do templo, ao qual deu a invocação de Santa Cruz, doando n'esse mesmo acto ao convento uma reliquia do Santo Lenho, que possuia.

No dia 4 de agosto de 1571, em que a egreja celebra a festividade do patriarcha S. Domingos, disse-se a primeira missa na capella-mór do templo.

Passados onze annos voltou o fundador ao seu convento de Santa Cruz. D'esta vez, porém, não veiu por visita de prelado, nem como hospede; foi como o bom filho que, depois de longa peregrinação e de duros trabalhos, procura a casa paterna para ahi repoisar o espirito e o corpo, e esperar, tranquilla e confiadamente, esquecido do mundo e só lembrado de Deus, o fim de uma vida santa.

D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, chegando a Vianna em fins de fevereiro de 1582, foi direito á egreja de Santa Cruz, e entrando n'ella, levava atraz de si numeroso acompanhamento, não de famulos e dignidades ecclesiasticas, como convinha á hierarchia archiepiscopal; mas sim de povo, de amigos que se pranteavam como filhos que iam ficar orphãos de um pae carinhoso e desvelado. Acudiu logo ao templo a communidade de cruz alçada; mas, quando se adiantava para render homenagem ao primaz das Hespanhas, apressou-se D. Fr. Bartholomeu dos Martyres a pedir a benção ao prior dos dominicos, como subdito humilde e respeitoso. O veneravel ancião tinha renunciado o arcebispado, e d'ora ávante considerava-se um simples frade de S. Domingos.

D. Fr. Bartholomeu, que acceitára com o maior constrangimento a mitra primacial; que padecêra tantas contrariedades e desgostos na lucta em que andou empenhado, durante todo o seu governo, para extirpar abusos, reformar os costumes do clero, e conter as demasias dos poderosos, solicitou, em vão, de dois pontifices a sua renuncia. Mas, quando viu usurpado o throno dos seus reis, e a sua patria opprimida dos estrangeiros, offereceu de novo a sua renuncia, solicitou-a com a mais viva instancia, e tantas vezes, e por tal modo redobrou as supplicas, que o papa Gregorio XIII não pôde escusar-se, mau grado seu, de lhe deferir o requerimento.

Andava o illustre prelado por terras de Traz-os-Montes, na visita das egrejas da sua diocese, quando recebeu a carta de Roma, que lhe annunciava ter sido acceita a renuncia por sua santidade. Achava-se n'essa occasião dentro em uma egreja, examinando e inquirindo do estado d'ella. Ao receber a nova que o apeava das mais subidas honras ecclesiasticas do reino, e que o despojava das grossas rendas de uma das mais ricas mitras da peninsula, a sua alegria não teve limites. Expandiu-a com o enthusiasmo e ingenuidade infantis de uma criança que se desprende dos braços que a retiveram contrafeita, para ir correr e folgar. Diremos melhor, que a expandiu com o alvoroço e arrebatamento d'alma de quem subitamente se sente alliviado e livre de um peso, que estava prestes a esmagal-o.

As palavras que fr. Luiz de Sousa põe na boca do arcebispo, n'este momento solemne da sua vida, exprimem tão ao vivo aquelles sentimentos, e além d'isso são tão cheias de amor, de mansidão e de humildade, que não podêmos resistir ao desejo de as transcrever n'este logar.

O primeiro movimento do arcebispo foi erguer-se da cadeira em que estava sentado, e prostrar-se ante o altar, orando agradecido. Depois, levantando a voz, proferiu esta affectuosissima despedida á egreja bracharense:

«Ficae-vos muito nas boas horas, minha muito amada, primeira e derradeira esposa, egreja bracharense, honra das Hespanhas, cabeça e primaz d'ellas, fundada pelo grande filho do trovão, Santiago, muito amada e querida de mim, mas servida com infinitas imperfeições. Ficae-vos embora, minha formosa egreja, meus primeiros e ultimos amores, a que eu não correspondi como era obrigado, posto que muito o desejei, e em quanto pude procurei. Perdoae-me se me aparto de vós com alegria e jubilos de alma, que como sempre me houve por indigno de occupar uma cadeira, em que tantos e tão grandes santos se assentaram, é razão que aceite com gosto ver-me livre da grande vergonha e pavor, em que sempre vivi, olhando pera sua santidade, e pera meus grandes peccados. Não me levam de vós amores novos; nem deixo de vos servir por buscar outra, ou amar outra mais que vós: senão porque desejo que venha quem suppra meus defeitos, emende minhas faltas, e tenha partes pera vos saber merecer, que em mim nunca houve. E pois me soffreste tanto tempo, tal qual sou,

poderei deixar de vos querer sempre muito, e encommendar-vos muito a Deus? Em quanto n'estes membros velhos e cançados durar espirito de vida, sempre em minhas orações e sacrificios pedirei ao Senhor que nas necessidades vos acuda com soccorro, e nos bens espirituaes com grande augmento».

D. Fr. Bartholomeu dos Martyres falleceu aos 16 de julho de 1590, contando 72 annos de edade. Viveu os oito annos ultimos da sua vida em toda a observancia da regra dominicana, habitando em uma pobre e estreita cella, assistindo a todos os actos da communidade, prégando, e exercitando todas as virtudes evangelicas. Porém, n'esta mudança de vida, só mudára de obrigações, não de habitos, porque no paço dos arcebispos vivia como um frade de ordem austera e penitente, sem fausto, nem ostentação, nem mesmo commodidades, parco na mesa, pobre no vestuario, apertado na cama, mal servido em tudo por falta de famulos, porque todos os seus avultadissimos rendimentos lhe pareciam escassos para acudir ás necessidades da pobreza, e a outras obras pias, em todo o dilatado territorio da sua diocese.

Por tudo isto a sua morte foi sentida e chorada não só no arcebispado, mas tambem em todo o reino. Braga e Vianna disputaram com encarniçamento, e quasi á viva força, a posse do seu corpo, no acto de o enterrarem. E quando, ao cabo de 19 annos, em 1609, se fez a trasladação do corpo do veneravel arcebispo para o mausoleo de marmore, em que descança, concorreu a Vianna tanta gente das provincias do norte, e até de Galliza e de Castella, que se calculou o concurso em trinta mil pessoas. As festas que por essa occasião se celebraram, festas de regozijo publico como na canonisação dos santos, foram taes, que nunca a villa presenciou outras, antes nem depois, tão grandiosas e variadas, e com tamanha pompa e lustre. Duraram quatro dias, sendo occupadas quasi todas as horas d'elles, excepto as que é necessario consagrar ao repoiso, com funcções religiosas na egreja de Santa Cruz, e com festividades particulares nas praças e ruas da villa.

Correram-se toiros no campo do Forno [1]; pelejaram-se combates simulados no rio, e em terra, com fogo de artilheria nas embarcações, e com fusilaria nas hostes terrestres. Percorreram toda a villa quadrilhas de cavalleiros, ricamente trajados á moirisca, ou ao uso de outras nações estrangeiras, e montados em soberbos ginetes custosamente ajaezados. Da egreja de Santa Cruz saiu uma grande e apparatosa procissão, levando, ao modo das de Corpus Christi que então se faziam em Lisboa e n'outras cidades, danças, musicas, folias, invenções e carros triumphaes, promiscuamente com as irmandades, confrarias e clerezia.

Houve salvas de artilheria no castello da barra, e em algumas embarcações; houve representações e poesias em certos largos e praças, n'outras corridas de cavallos, e fogos de artificio. Em fim, todas as janellas, quer das ruas principaes, quer das mais escusas, brilhavam de dia com as côres garridas das sedas e damascos com que se enfeitavam, e resplandeciam de noite com as luminarias que as ornavam. [2]

Se a sabedoria, virtudes christãs, patriotismo e serviços publicos de D. Fr. Bartholomeu dos Martyres precisassem ser comprovados com taes testimunhos de saudade e gratidão, aquelles obsequios feitos em honra do santo prelado, quando já tinham pesado 19 annos sobre a primeira saudade, sobre as frescas recordações das suas eminentes qualidades, dão, por certo, a medida do que valia para o ceo e para a terra aquella alma de predestinado, e aquelle coração que se abrazava no triplice amor de Deus, do proximo e da patria. Raros exemplos aponta a nossa historia de tão estrondosas e expressivas demonstrações populares de affecto, acatamento e gratidão para com a memoria de um homem, ao qual a egreja não tinha auctorisado cultos.

A egreja e convento de Santa Cruz, mais commummente chamados de S. Domingos, em razão da ordem religiosa a que pertenceram, não são edificios grandiosos pelas proporções, nem esplendidos pela arte. Todavia, o templo tem uma nobre frontaria de boa architectura, decorada de columnas e estatuas de santos da ordem, umas e outras bem distribuidas relativamente á parte do mesmo frontispicio que o architecto curou de adornar.

Dispensa-nos de miuda descripção a nossa gravura, por estar muito exacta e perceptivel. Foi copiada de uma bella photographia da collecção do sr. Seabra.

Interiormente é singela a fabrica do templo. Tem uma só nave, com capellas que se communicam entre si. O altar de Nossa Senhora do Rosario, no cruzeiro, é rico em obra de talha doirada. Defronte, no outro tôpo do cruzeiro, está o orgão, e por baixo as bandeiras do regimento de infanteria n. 9, que era de Vianna, o qual tanto se distinguiu na guerra peninsular, que mereceu aquella honra como homenagem e galardão ao seu valor.

Na capella-mór, do lado do evangelho, ergue-se o mausoleo de D. Fr. Bartholomeu dos Martyres. É de marmore branco e vermelho, e foi mandado fazer em Lisboa com o producto de subscripções populares. É grande, e de ordem dorica, mas de fórma pesada e desengraçada, como quasi todos os tumulos que se construiram em o nosso paiz no correr do seculo XVII. Em um longo epitaphio em latim estão commemoradas as principaes acções e virtudes do veneravel arcebispo.

O risco da egreja foi feito em Roma; trouxe-o d'esta cidade o fundador quando se recolheu á patria, acabado o concilio tridentino. Tambem de lá trouxe uma preciosa pyramide de porfido, com que adornou um chafariz que mandou fazer no largo da egreja de Santa Cruz, que então era mais desafogado que ao presente, porque não se viam n'elle as casas que escondem ao templo a vista do chafariz. Este ainda existe; mas, em logar da pyramide de porfido, tem uma de granito ordinario. Dizem que alguem cubiçou aquella memoria do santo prelado.

Pela extincção das ordens religiosas conservou-se para o culto a egreja de Santa Cruz, graças aos terceiros dominicanos, que tomaram a si o cuidado e despezas d'essa conservação. Mais tarde foi transferida para este templo a parochia de Nossa Senhora do Monserrate, que estava em uma pequena egreja, situada outr'ora nos arrabaldes, e hoje na extremidade de léste da cidade. O convento está occupado com as repartições do governo civil, da administração do concelho, de fazenda e de justiça.

Assim tem escapado, felizmente, este edificio á ruim sorte de tantos outros monumentos nacionaes, que vemos davastados e abandonados ás mãos destruidoras do tempo. Não se repare em mettermos o convento e egreja de Santa Cruz em conta de monumentos nacionaes. O edificio fundado, habitado, e escolhido para logar de sepultura de um varão que deu lustre á egreja lusitana, onde foi modelo de prelados; que honrou as letras patrias com os seus escriptos; que fez conhecido e respeitado o nome portuguez na capital do mundo catholico, e na presença de uma assembléa tão conspicua como o concilio de Trento; esse edificio é um verdadeiro padrão da nossa historia, é um monumento da gloria nacional, embora não recorde feitos de armas, nem ostênte primores de arte.

I. DE VILHENA BARBOSA.

[1] Vid. pag. 385 do vol. IV.

[2] Póde-se ver a minuciosa descripção d'estas festas, curiosissima para a historia dos nossos costumes, na *Vida de D. Fr. Bartholomeu dos Martyres*, por fr. Luiz de Sousa.

AMOR DE CIGANA

(Conclusão. Vid. pag. 67)

É noite de luar, tenham paciencia os namorados. Os raios da lua esclarecem a eira immovel no meio de um circulo de *descamisadores*. A pouca distancia da eira ficava a preza, cujas aguas jorravam na valla com um suave murmurio, e iam pairando por alli fóra, gota com gota, orgulhosas de transportarem as perolas que se desprendiam do regaço da casta Diana. Do outro lado ostentava-se um enorme freixo, folhudo e magestoso, cujos ramos a brisa baloiçava, embalando ao mesmo tempo um rouxinol que se tinha alli vindo poisar descuidoso para desprender a enamorada canção. Á sombra do freixo abrigava-se a cabana rustica do guarda da quinta, em cujo limiar estava sentado gravemente sobre as patas trazeiras um formidavel rafeiro. Ao longe corria a estrada sinuosa, costeando as montanhas, cujos cumes, prateados pelo astro da noite, pareciam querer rasgar o anilado docel do firmamento. Havia uma suave tranquillidade n'aquella scena.

Em torno da eira estavam, como já dissemos, sentados os trabalhadores, presididos pelos donos da casa. Todos se occupavam com affinco em tirar a capa ás maçarocas, lançando-a depois para traz das costas. Sylvestre descascava, como homem já pratico, e ensinava aos seus visinhos methodos de sua invenção para fazer esse trabalho com mais rapidez. Aquelle Sylvestre tinha inventado tudo, menos a polvora.

D. Francisca tinha posto os oculos, e gastava meia hora em tirar uma a uma todas as feveras da palha, para que se não dissesse que não trabalhava conscienciosamente. Alberto descascava duas maçarocas, depois levantava-se para ir fumar um charuto, o que não fazia alli, receiando, dizia elle, deitar fogo á eira. Lucia e Jorge, creio que, desde o principio da descamisada, ainda não tinham largado a primeira maçaroca, e só no momento em que eu e o leitor apparecemos, elles repararam que lhe tinham não só tirado a casca mas até o grão, deixando-lhe apenas o caroço. Vejam que distracção!

A conversa geral estava animadissima. Sylvestre tinha tomado a direcção.

— Eh! rapazes, então ainda nenhum de vossês achou, entre tantas maçarocas, uma vermelha?

— Não, senhor! não, senhor, respondiam os rapazes em côro, tem bruxedo as malditas, que se foram esconder por baixo de todas.

— Ah! Ah! tomem vossês cuidado com as cachopas, não as encontrem, e as escondam. Olhem que ellas são ladinas!

— Ha toda a cautela, sô Sylvestre, respondeu um dos mais guapos rapazolas do grupo, eu cá estou sempre com o olho na Maria do Rosario, e não deixo passar nada pela malha. Ella que se faça fina...

— Ó excommungado, tornou a Maria do Rosario, pois eu *havéra* de fazer isso? Figas para o desconfiado.

— Querem vossês ver como sou eu que encontro a primeira? Deus queira, que então commigo se hão de haver todas as cachopas da roda.

Sylvestre, logo depois de soltar a imprudente phrase, voltou-se apressadamente para a sua cara metade, receiando algum olhar severo. Felizmente a sra. D. Francisca estava embebida na maçaroca e nos seus pensamentos, e não prestava attenção aos discursos de seu marido.

— Venha lá uma cantiga de feição, continuou elle respirando livremente; anda lá, Maria da Nazareth, tu, que descantas a primor, garganteia para ahi alguma coisa.

Obedeceu a Maria da Nazareth, e todos a ouviram em silencio, exceptuando Jorge e Lucia, que esses estavam dois tagarellas incorrigiveis.

— É este o meu sonho, dizia Jorge, uma casa perdida no meio dos bosques, com um jardimsinho á roda. A parede tapetada de baunilha, que engrinaldasse a janella do teu quarto.

— E um jasmineiro, que nos enviasse todas as manhãs o seu doce perfume, accrescentava Lucia.

— Quando rompesse a aurora, levantar-me; e, depois de ter poisado na tua branca fronte um beijo leve como um sonho, ir passeiar no jardim á espera que despertasses.

— E eu já estar acordada, continuava ella com um modo infantil, erguer-me sorrateira, ir pé ante pé atraz de ti, e de repente tapar-te os olhos, e rir perdidamente.

— Ó louquinha, como te amo!

— E eu não!

— Vêem, vêem a ingrata!

— Chamar-me ingrata quando elle é que é um ingrato, que nunca pensava em mim!

— Se pensava!

— Mentiroso!

— Julgava que sentia por ti uma affeição fraternal, e agora percebo que era um verdadeiro amor.

— Bem sei!

— Não me acreditas?

— Não.

— Nem me perdôas?

— Que remedio!

E os olhos d'ella fitavam-se nos d'elle com uma suave ternura, e ambos se julgavam no ceo, que na terra nem pensavam.

Tinha acabado a cantiga a sra. Maria da Nazareth, e um aldeão já edoso começava a contar uma historia, que todos ouviam attentamente. Jorge, sem despregar os olhos dos de Lucia, pegára n'outra maçaroca, e começára a desfolhal-a distrahidamente. Alberto, que estava fumando fóra do circulo, e que não perdia de vista o par ditoso, approximou-se d'elle.

— Então não bradas «*Eureka!*» Jorge? — disse. Apanhaste a sorte grande. Tens a maçaroca vermelha.

Um brado unanime de parabens e de risos, soltado pela assembléa, interrompeu o narrador. Jorge olhou para Lucia e sorriu. Esta baixou os olhos e córou.

A maçaroca vermelha dá a quem a encontra o direito, ou, se o feliz mortal a quem isso aconteceu, caso inaudito, não quizer aproveitar-se d'elle, impõe a obrigação de ir beijar todos os assistentes. Comprehende-se agora facilmente o desejo que todos sentiam de encontrar a abençoada maçaroca.

Ao primeiro brado succedeu o silencio. Ouvia-se apenas o restolhar das cascas das maçarocas, o rouxinol que descantava incançavel as suas trovas de amores, e a agua que ia deslizando e murmurando na *preza* e na *valla*.

Todos esperavam o cumprimento do dever.

Jorge levantou-se, e, inclinando-se para Lucia, que se tinha erguido toda vermelha e palpitante, beijou-a e abraçou-a tremente de commoção. O rouxinol gorgeiava nos ramos do freixo, e a agua palreira ia deslizando, deslizando na preza e na valla.

De repente Jorge parou, e o sangue affluiu-lhe todo ao coração. A pouca distancia da eira uma voz suave soltára, n'um rythmo lento e melancolico, a seguinte quadra da canção que elle ouvíra na celebre noite do lagar.

Mas na cigana, por amor trahida,
ardem as chammas da vingança atroz!
E á meia noite, junto á cruz da ermida,
livida se ergue com um rir feroz.

Todos ficaram suspensos e espantados. Lucia tinha empallidecido sem saber por que. Jorge levára a mão

ao coração como se dor aguda o traspassasse. Alberto olhou para elle attonito. O rouxinol emmudecêra tambem, ao ouvir o canto melancolico. Só o murmurio das aguas continuava, triste e monotono acompanhamento da inesperada canção.

A voz continuou:

Brilha nas trevas o punhal tremendo,
lampeja, fere, e o traidor caíu!
Ouve-se um grito de prazer horrendo!
E o mocho solta gemebundo pio!

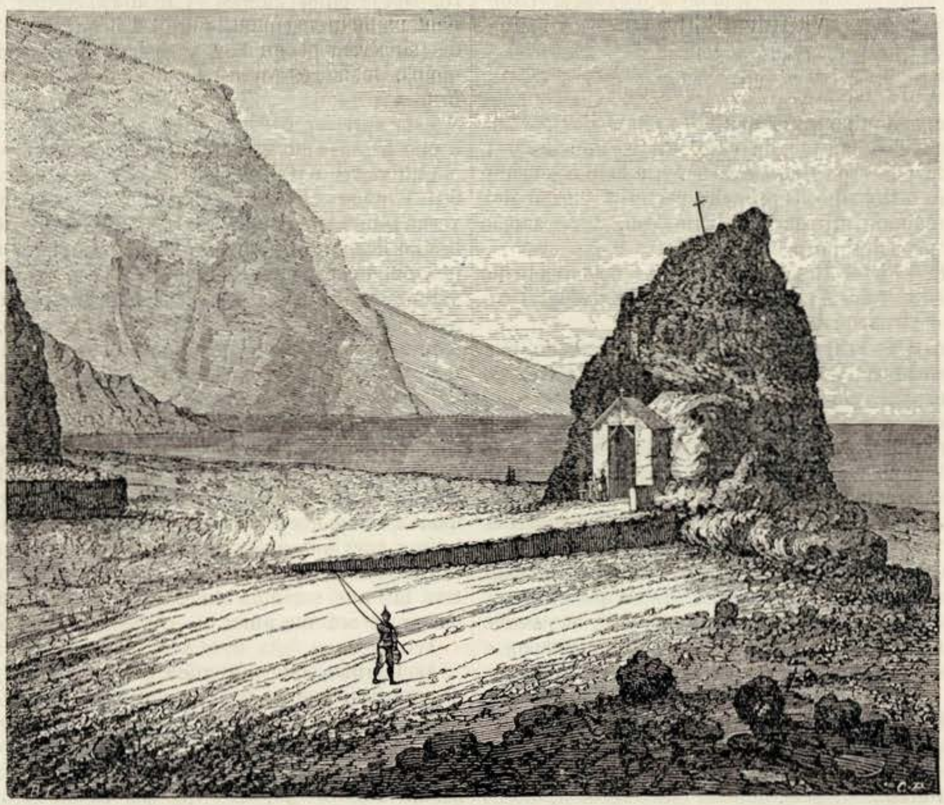
Apenas findaram as ultimas notas da ballada, um vulto feminino com os cabellos negros soltos em tranças sobre os hombros, e lampejando-lhe nos olhos um fulgor infernal, tinha caído como um raio no meio do circulo, e tinha cravado uma faca hespanhola no peito de Jorge. O mancebo caíu, soltando um gemido. Todos deram um grito de horror; mas antes que fizessem um movimento só, a assassina tinha arrancado a faca do peito de Jorge, e, cravando-a no proprio seio, tinha caído ao lado do artista, salpicando de sangue o vestido branco de Lucia desmaiada.

Era Rosita.

M. Pinheiro Chagas.

ROCHEDO E CAPELLA DE S. VICENTE NA ILHA DA MADEIRA

A ilha da Madeira é, sem duvida, um dos pontos do globo mais generosamente dotados pela natureza. Se estivera em mãos mais cuidadosas e laboriosas, e além d'isso guiadas por melhor gosto que o nosso, sería um verdadeiro paraiso terrestre. Ainda assim é um jardim delicioso em constante primavera, porque nunca lhe murcha a verdura, nem lhe faltam as flores, nem se lhe enregelam as brisas. No verão, como no inverno, alli se acham zonas temperadas, onde jámais penetraram os rigores das estações.



Rochedo e capella de S. Vicente, na ilha da Madeira

É mais visitada e apreciada esta ilha pelos inglezes, que pelos portuguezes, o que não admira, attentos os habitos sedentarios a que nos entregâmos de certo tempo para cá, e tambem attento aquelle nosso desgraçado costume, que nos leva muitas vezes a gabar e desejar o que não é nosso, desprezando e maldizendo o que temos em casa. D'aqui succede sabermos ás vezes só pela propria confissão dos estrangeiros, que possuimos alguma coisa boa ou bella, melhor ou mais formosa do que se póde encontrar nos outros paizes.

Todavia são tantas e tão variadas as bellezas d'aquella ilha; cobrem-lhe os valles e as faldas dos montes tão pomposa vegetação, arvores e plantas de tão diversas regiões, de tão oppostos climas; despenham-se do alto das serras tão grossas levadas, formando vistosissimas cascatas; rebentam por toda a parte tantas fontes, e avultam tão notaveis curiosidades naturaes, que os viajantes, sejam ou não portuguezes, ficam enlevados na contemplação de taes quadros.

Os estrangeiros, por mais curiosos, enchem os seus albuns de desenhos das paizagens mais lindas da ilha, que, depois de recolhidos á patria, fazem ahi conhecidas, ordinariamente por meio da gravura, ou da lithographia. Os nacionaes contentam-se apenas, com raras excepções, em descrever de viva voz as scenas da natureza que mais os tinham impressionado.

D'est'arte quem não fosse á Madeira, mal podia fazer idéa dos encantos d'esta ilha. Hoje, porém, graças ao poder da photographia, podêmos conhecer e admirar dentro de nossas casas todos aquelles bellos

quadros; e com o auxilio do estereoscopio podêmos vel-os e apreciar-os em toda a magestade dos seus grandes traços, e em toda a graça e primor das miudezas.

Tem vindo ultimamente da Madeira, e acham-se á venda em varias lojas de Lisboa, numerosas collecções de vistas estereoscopicas, feitas com muita perfeição. Temos escolhido algumas d'estas vistas para, reduzidas a gravura, ornarmos este jornal. A que nos serve de estreia representa uma curiosidade natural, graciosa e pittorescamente aproveitada pela piedade christã.

É um grande rochedo, ou diremos melhor, um grupo de rochas, erguido á beira do mar em o norte da ilha, como sentinella da alta serra fragosa, que a poucos passos se levanta. Em uma gruta ou reconcavo d'aquellas rochas está como engastada na penedia uma capella de modesta fabrica, dedicada a S. Vicente.

I. DE VILHENA BARBOSA.

VICTOR HUGO

(Vid. pag. 50)

VII

Deviam aniquilar-se os motivos pretextados por sua familia para o afastar da casa do sr. Foucher — a edade e a pobreza; tinha elle por um lado o tempo e pelo outro o trabalho. O primeiro correria velozmente; com o segundo arrostaria esperançoso. A separação tornaria mais intimo o amor.

Em 1820 Victor Hugo apresentou-se novamente no concurso de Tolosa com a ode intitulada *Moysés em o Nilo*, e alcançou terceiro premio.

O poeta tres vezes premiado tinha direito ao diploma de socio d'aquella academia, e Victor recebeu-o em Paris.

Por essa occasião Abel Hugo fallou a um impressor, seu amigo, e este imprimiu a ode *Á Vendéa*, que o poeta concluia quasi ao mesmo tempo que mandava a outra ode para Tolosa.

Foi depois fundado, entre os dois irmãos e alguns amigos, o *Conservador Litterario*, periodico quinzenal, e Victor escreveu n'elle assiduamente propagando idéas realistas. O auctor das *Memorias* citadas assegura que isto foi devido a que os filhos do general, não vendo quasi nunca, ou mui raramente, seu pae, seguiam o partido de sua mãe. E a este respeito conta o seguinte caso:

Estando o general Hugo em casa do general Lucotte, Victor, no ardor da conversação, defendeu com energia e enthusiasmo o realismo vendeano; o pae não o interrompeu; mas, quando elle terminou, disse:

— «Laissons faire le temps. L'enfant est de l'opinion de la mère, l'homme sera de l'opinion du père». [1]

VIII

O apparecimento do *Genio do Christianismo* começou a realisar a prophecia do general Hugo. O moço poeta desviou-se um pouco das idéas de sua mãe para seguir a inspiração de Chateaubriand, que o fascinára.

Tem dito alguns biographos, e entre elles Mirécourt, que Chateaubriand escrevêra uma phrase que se tornou para logo celebre, e que foi ouvida em toda a parte. Não é inteiramente exacto. Verdade é que o insigne auctor dos *Martyres* proferiu a palavra, mas são diversas as circunstancias em que se diffundiu.

Quando mataram o duque de Berry [2], Victor Hugo escreveu uma ode que foi enthusiasticamente applaudida pelos realistas. Chateaubriand tambem se não esquivou ao elogio; e, fallando com o deputado e distincto jurisconsulto Agier, disse do poeta que era uma *criança sublime*. [1] A popularidade de que então gozava, a sua bem fundada reputação, e os 52 annos de edade, davam á phrase de Chateaubriand grandissimo valor. O deputado Agier citou-a n'um artigo em que fallava ácerca da ode, e Victor Hugo teve maior numero de adversarios, porque já lhe não faltava celebridade.

Chateaubriand era sincero e julgava que não se enganaria. Victor Hugo teve em breve occasião de conhecel-o. Sendo apresentado ao escriptor eminente, ouviu d'elle estas memoraveis palavras:

— «Monsieur Hugo, je suis enchanté de vous voir. J'ai lu vos vers, ceux que vous avez faits sur la Vendée et ceux que vous venez de faire sur la mort du duc de Berry. Il y a, surtout dans les derniers, des choses qu'aucun poëte de ce temps n'aurait pu écrire. Mes vieilles années et mon experience me donnent malheureusement le droit d'être franc, et je vous dis sincèrement qu'il y a des passages que j'aime moins, mais ce qui est beau dans vos odes est très beau.» [2]

Esta apreciação espontanea devia, de certo, animar o que passava no estudo as melhores horas da vida.

Cultivadas e estreitadas as relações com o auctor dos *Martyres*, Victor foi comprimental-o quando o governo o nomeou para a embaixada de Berlin. Chateaubriand declarou que não se separariam, porque lhe tinha obtido o logar de addido á legação. Victor Hugo agradeceu dizendo que não podia deixar sua mãe, e o mestre expressou que sentia isso devéras, porque o facto *seria honroso para ambos*. [3]

IX

A 27 de junho 1821 o bravo general Hugo perdeu sua esposa. Victor fugiu do conforto de alguns bons amigos, porque desejava chorar sósinho a perda de uma solícita e extremosa mãe. O lenitivo á sua dor intima previa-o unicamente no restabelecimento de estreitas relações com a familia do sr. Foucher. Estava alli uma parte da alma, — outra saudade — verdadeiro e ardente amor.

Tentou-o.

As lagrimas que a menina Adelia e o moço Victor derramaram juntos, pela morte d'aquella que não podia já abençoal-os, foram presagio dos futuros esponsaes. Os paes não deviam, nem queriam oppor-se. Deixaram alimentar o fogo, que porventura fortaleceria os dois jovens, mas que por fórma alguma lhes causaria damno.

Singular coragem lhe infundia isto no animo!

Serenava a lucta do coração. Que grande triumpho! E continuava com energia maior outra lucta não menos grata, a do trabalho. Que immensa gloria!

Por vontade do general Hugo nenhum de seus filhos abraçaria a profissão das lettras. Victor não seguiu nunca, em tal ponto, os conselhos do general. Deixassem-n'o a elle só com os proprios recursos, que ninguem padeceria com a sua pobreza, se fosse pobre, nem com a humildade da sua condição, se esta sempre fosse humilde. Victor, comtudo, podia bem contar com os *proprios recursos*, — tinha muito que esperar d'elles.

As pequenas contrariedades não lhe tornavam menos vigorosa a vontade, e davam-lhe mais fé nos propositos deliberados. Escreveu numerosos versos, e principiou o *Han de Islandia*. E por que se tornou esta obra tão

[1] *Victor Hugo raconté*, tomo II, pag. 3.

[2] O duque foi assassinado a 13 de fevereiro 1820 quando saia da Opera. O aggressor Louvel dizem que desejava extinguir n'elle a raça dos Bourbons. Vacquerie, nas *Miettes de l'histoire*, nota a particularidade não conhecida de que o duque veiu a morrer na mesma cama em que descançára em Cherburgo ao voltar do desterro, pelo anno 1814. A cama era do sr. Grandsire, que sendo empregado na administração da Opera, trouxe-a de Cherburgo para Paris.

[1] *Victor Hugo raconté*, t. II, pag. 5.

[2] *Idem*, pag. 7.

[3] *Idem*, pag. 12.

grandiosa e produziu tamanha sensação nos leitores? Porque Victor Hugo emprehendia nova especie de romance em proveito da litteratura franceza; e porque o auctor, visitando Roche-Guyon, onde então residia um companheiro de collegio, o duque de Rohan, viu as ruinas de *Tour de Guy*, e as extraordinarias impressões locaes passaram para o extraordinario livro.

O *Han de Islandia* — «era o primeiro grito de revolta da nova aguia, o signal da lucta de gigante em que Victor entrava sem hesitar contra as antigas tradições litterarias, lucta do futuro contra o passado, de um homem contra um seculo». [1]

Estamos em 1822. Omittamos, por um instante, o lapso de treze annos. Uma anecdota mostrar-nos-ha o que, e para que, vale a celebridade. Em 1835 Victor Hugo, viajando por França, quiz visitar novamente a antiga propriedade do duque de Rohan. Aquellas ruinas, que deram tão excellentes paginas ao *Han de Islandia*, não podiam esquecer-lhe. A propriedade de Roche-Guyon fôra comprada por uma senhora, que, pelo que se viu, tinha em grande consideração o poeta, e *estava já em relações* com elle.

Victor pediu licença a um criado para entrar no palacio. Era encantador para o viajante curioso observar as transformações operadas não só pela mudança de proprietario, senão tambem pelo decurso do tempo.

O criado, sem indagar o nome do viajante, conduziu-o ao interior das casas. Chegando a um dos quartos, disse, accentuando as palavras com respeito:

— «*Esteve aqui o sr. Victor Hugo*».

O poeta sorriu-se, mas não respondeu. Podia fazel-o. Aquillo não era exacto.

A saída, o criado pediu ao viajante, por ser costume e ter para isso recommendação especial de sua ama, que inscrevesse o nome no livro dos visitantes. Victor pegou no livro e folheou-o. Em uma das paginas havia linhas escriptas com letra miuda, e no fim d'ellas a assignatura de *Victor Hugo*.

— Esta é a letra do poeta? — perguntou ao criado.

— Sim, meu senhor; é a letra do grande poeta.

— Então inscreverei tambem n'esta pagina o meu nome, mas em latim.

D'este modo não seria *falsificador*. [2] Escreveu, pois:

«*In se magna ruunt*»

E assignou:

«*Lucain*» (Lucanus).

X

Victor abria o coração á que devia ser sua esposa, quando lhe escrevia:

«...A alma, superior ao corpo a que está ligada, ficaria na terra em insoffrivel solidão, se não podesse escolher entre as outras almas uma companheira, a fim de participar com ella a desgraça na vida e a ventura na eternidade. Quando duas almas... assim se procuram... ha para sempre entre ellas uma união ardente e pura, união que principia na terra e só termina no ceo...»

«...O amor, na sua accepção verdadeira e divina, eleva todos os sentimentos acima da miseravel esphera humana; o amor liga-nos a um anjo que nos dirige incessantemente para o ceo». [3]

N'outra carta dizia-lhe:

«...A poesia é a expressão da virtude. Uma bella alma e um bom talento poetico são quasi sempre inseparaveis. A poesia só nasce da alma, e póde revelar-se tanto por uma boa acção como por um excellente verso...»

N'outra, confessava-lhe:

«...Se, para apressar a epocha da minha felicidade, nada fizer que me contrarie o caracter, darei valioso testimunho a meu favor. É cruel a posição do moço independente por affeições, principios e desejos, e dependente por edade e riquezas... Figuram-se-me boas todas as estradas, com tanto que possa caminhar por ellas direito e seguro, sem me rojar nem curvar a fronte».

As *Memorias* observam:

«Au milieu de tous ces ennuis et de tous ces empêchements, de ces espérances et de ces incertitudes, une chose en lui ne variait pas: c'etait la volonté bien arrêtée, de n'arriver que par des moyens dignes et qui ne coûtassent rien à sa conscience». [1]

Victor Hugo antevia já brevissimo o cume da felicidade.

Um livreiro tinha acabado de imprimir a primeira edição das *Odes e poesias diversas*, e já outro contratava a impressão do *Han de Islandia*.

Recebendo a approvação muito sincera de Lamennais, seu confessor, Victor, no começo do anno 1823, desposou-se com a menina Adelia.

Lamennais julgou assim d'este consorcio:

«Casa-se com uma joven a quem ama desde a infancia, e que é digna d'elle, como Victor Hugo é digno d'ella».

Os noivos foram habitar uma pequena casa da rua de Notre-Dame des Champs, cercada de melancolico arvoredo, «verdadeiro ninho de poeta e de amantes».

(Continua) P. W. de Brito Aranha.

[1] *Victor Hugo, par Charles Valette et Léon Beauvallet*, pag. 4.
[2] *Victor Hugo raconté*, tomo II, pag. 28.
[3] *Idem* pag. 36.

[1] *Victor Hugo raconté*, t. II, pag. 38.

ARROJO DE UM PORTUGUEZ NA INDIA

A decadencia do imperio portuguez na India começou no reinado de D. João III, não obstante as victorias importantes que vinham de vez em quando illustrar as nossas armas, e glorificar o nome de Portugal. Porém, desde que este nobre paiz perdeu a sua independencia; desde que Filippe II de Castella, usurpando a coroa portugueza, deixava com affectada negligencia marearem-lhe o brilho os nossos inimigos, aquella decadencia, como tudo o mais que nos era contrário, correu a passos precipitados.

Os soberanos da India não tardaram, portanto, a aproveitarem-se do ensejo, unindo-se para nos expulsarem d'aquellas regiões, vingando-se assim das derrotas e affrontas passadas; circumstancias que os inglezes e os hollandezes souberam explorar em seu interesse e nosso damno. Foi n'este estado de coisas que succedeu a anecdota que vamos referir; a qual, juntamente com outras muitas da mesma natureza, explicam o mysterio da conservação das reliquias d'aquelle imperio em nosso poder, ainda de bastante importancia ao sacudirmos o jugo de Hespanha, apesar de sessenta annos de captiveiro, e do esforço combinado de tantos e tão poderosos inimigos.

No anno de 1589 achavam-se sublevados contra os portuguezes quasi todos os reis da costa de Melinde, e para os castigar, e reprimir a rebellião, percorria aquelles mares uma armada commandada por Thomé de Sousa Coutinho.

Andando n'esta diligencia, entrou a armada no porto da cidade de Lamo. O soberano d'este paiz tinha feito muitas traições aos portuguezes, e era um dos principaes incitadores d'aquella revolta. Porém, não estando ainda em guerra declarada contra nós n'aquella occasião, Thomé de Sousa, posto que estivesse mui certificado dos seus conluios, e do odio que nos tinha, não queria romper as hostilidades sem tentar algum esforço para trazer pacificamente o dito rei á obediencia da coroa de Portugal. Por conseguinte, entrou no porto como amigo, e esperou que o rei o viesse

visitar a bordo da nau almirante, como costumavam fazer os soberanos tributarios de Portugal. Esperou, mas debalde; o rei não apparecia; e, admoestado, dilatava a visita com tão futeis pretextos, que deixava manifesta a sua má vontade, dando motivo aos portuguezes para se recearem de alguma traição.

Hesitava o capitão-mór da armada o que faria, quando D. Bernardo Coutinho, illustre cavalleiro da familia de Marialva, que vinha a bordo da nau almirante, se offereceu para trazer preso o rei moiro á presença de Thomé de Sousa. Tanto este, como todos quantos escutaram a proposta, olharam assombrados para D. Bernardo. Com effeito não se podia crer que elle fallasse com seriedade, sabendo-se que o rei dispunha de muitas tropas, e se achava cercado de grande apparato bellico. Aquelle fidalgo, porém, era tão valente e destemido; tinha dado mostras por vezes de tanta coragem e valor, que Thomé de Sousa, vendo-o insistir no offerecimento com singular decisão, concedeu-lhe licença para ir a terra, só, sem mais companheiro, como elle proprio requeria.

Metteu-se D. Bernardo em uma lancha da nau, e foi direito á praia. Assim que saltou em terra disse que tinha de communicar ao rei negocio de summa importancia. Levaram-n'o logo sem difficuldade ao paço; mas apenas elle chegou á presença do soberano, lança-lhe a mão esquerda, segurando-o com força, e com a direita arranca de um punhal, que trazia escondido. E ao mesmo tempo que isto executava com o mais rapido movimento, declarava que assassinaria o rei, se alguem désse um passo, ou fizesse o menor signal para o defender. Depois ordenou ao monarcha que o acompanhasse a bordo, e sem levantar d'elle a mão, nem lhe arredar o punhal de sobre o peito, foi-o levando até á lancha, por entre os soldados moiros, que bramiam de colera, e se mordiam de raiva, vendo-se contidos pelo ferro, que ameaçava a vida do seu rei.

D'est'arte chegou D. Bernardo Coutinho a salvamento com o seu prisioneiro á nau almirante. Ninguem a bordo julgára possivel a empreza. Porém, o que antes era tido por mais que temeridade, por loucura rematada, viam-n'o agora realisado. Assim ficou desarmada a rebellião, o rei obrigado a acceitar as condições que lhe quizeram impor, e os monarchas, seus visinhos, atemorisados e receosos de gente que era capaz de commetter similhantes arrojos.

I. DE VILHENA BARBOSA.

METAPHORAS OU FEIRA DE ANEXINS

O sr. A. Herculano, fallando d'esta obra [1], ainda hoje inédita, de D. Francisco Manuel de Mello, diz: «A *Feira de Anexins* é um livro curioso, em que estão lançadas methodicamente as metaphoras e locuções populares da lingua portugueza, e que seria quasi um manual para os escriptores dramaticos, principalmente do genero comico, que quizessem fazer fallar as suas personagens com phrase conveniente, e com as graças e toque proprio da nossa lingua, e do verdadeiro estilo dramatico, coisa a mais difficil, talvez, n'este genero de litteratura, e de que tão arredios andam os que por ora o começam a cultivar entre nós, embuidos dos destemperos, escarcéos e expressões falsissimas que aprendem pelos livros do visconde d'Arlincourt, e ainda dos grandes auctores dramaticos francezes, que até estes ás vezes apparecem eivados de tão pegadiço e damnado achaque».

Todas as obras d'este notavel e fecundissimo auctor classico fazem auctoridade na lingua portugueza, e tambem na hespanhola, em cujo idioma publicou muitos livros.

A *Feira de Anexins* está ainda inédita. Ha várias cópias, e uma das mais authenticas existe hoje na bibliotheca nacional de Lisboa, e faz parte da livraria comprada pelo governo aos herdeiros de D. Francisco Manuel. Os que publicâmos foram extrahidos da cópia da bibliotheca de Evora, pelo seu bibliothecario o sr. Augusto Filippe Simões.

Daremos pois alguns excerptos d'este inédito, onde o auctor patenteia a quéda que tinha para os equivocos, trocados ou trocadilhos, que assim denominavam os antigos o que os modernos chamam, á franceza, *calembours*.

I

EM METAPHORA DE CABELLOS

— Meus amigos, digo que me péllo por ouvir quatro equivocos.

— Se elles caem a pello, tem sua galanteria, não já como muitos que vem pelos cabellos.

— Appello eu que os dissesse, sem caírem como anneis por entre os dedos. Os equivocos hão de ter crespo natural.

— Pois quanto a equivocos de memoria não encrespam a prosa.

— Ainda assim, metter de monete para annelar a rhetorica, não é defeito.

— Senhores, os que com poucas ripas querem fazer matta, que hão de fazer?

— Isso me mata, que não tendo miolo mettam as mãos na massa, pondo de empada os equivocos, dando tratos ao juizo, apertando os cordeis ás metaphoras, e no cabo a duas palavradas se estiram!

— Certo que ha de pentear cãs de noticioso, quem houver de espiolhar antigos adagios e anexins sobre qualquer allegoria; se não, será vir por lã de discreto e ir tosquiado.

— Quem o é logo o mostra; se eu quero saber se o burro é preto, olho-lhe para o cabello.

— Alguns vão catar não sei onde os chistes, e tem tanta lendea que embaraçando rifões por equivocos, empoam os agrados, e dão com os pós nas attenções.

— Com esses sou eu mal encabellado, em os ouvindo, tudo vae em uma poeira; sou capaz de andar com elles ás gadelhas.

— Tambem eu com esses nunca fiz boa farinha, e se me arripiam os cabellos em cuidar que hei de dizer equivocos que não sejam tão subtis como cabellos da cabeça, e que venham alli tirados pela fieira, segundo o fio da metaphora.

— Eu tenho ouvido alguns como um fio de oiro; mas esses fazem suar o topete.

— Homem, nem tão calvo; que os equivocos, ainda que postiços, parece que na mesma conversação tiveram raizes. Certo equivoquista ouvi eu estar dizendo mares de anexins, e onda se me vinha, outra se me ia, de ver como se espraiava, sem que um cabellinho tocasse que ondeasse a prosa metaphorica em que se envolveu: estava-me eu arrepellando, se não quando (porque elle se não mettesse com creces ao mar) saiu com alguns que me entrançavam melhor ao intento, e fica o triste mettido nas voltas de Andreza, como Absalão pelos cabellos.

— Bom calvario lhe pregou!

— Finalmente fez mil Magdalenas, porque não tirasse em outra occasião pela navalhinha.

— Agora! É que não corta a tesoira!

Consta a obra de seis *Dialogos*, tomando os interlocutores para metaphora a palavra capital do anexim.

[1] *Panorama* de 1840, pag. 179 e 204.